Texto Digital, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 65-78, jul./dez. 2018.
https://doi.org/10.5007/1807-9288.2018v14n2p65

TEXTO DIGITAL
Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

A poesia digital de Wilton Azevedo: interpoesia – o início da escritura expandida

The digital poetry of Wilton Azevedo: interpoesia – the beginning of expanded scriptures

Maria Lúcia Wochler Pelaes[a]

a Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil - wpelaes@uol.com.br

Palavras-chave: Wilton Azevedo. Poética Digital. Humanidades Digitais. Ambiência Digital. Laboratório Digital.

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre a poesia digital desenvolvida pelo Profº. Dr. Wilton Azevedo, no âmbito do Laboratório de Humanidades Digitais -LHUDI- da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o qual encontra a sua relevância na utilização de infraestrutura tecnológica, na capacitação teórica-reflexiva e na produção em equipe dentro do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Arte e História da Cultura. A poesia digital estabelece uma nova relação entre os códigos através de registros sonoros, verbais, visuais e performáticos, proporcionando o desdobramento de imagens e palavras não-lineares e interdisciplinares, desmaterializando o fazer poético, que apresenta índices semióticos resultantes da articulação da linguagem em meios de ambiência numa interdependência mútua entre leitor, poeta e poesia. A Interpoesia de Wilton registra uma obra de características poéticas, criada em ambiência digital através do uso de dispositivos tecnológicos que objetiva a ampliação de um código digital como um meio eficaz de produção de conhecimento dentro da proposta de Humanidades Digitais. O trabalho de Wilton propõe um novo olhar sobre a ambiência digital no que tange a sua exploração, enquanto plataforma tecnológica relevante para a criação digital poética, assim como para o registro de acervos históricos e recriação de ambientes humanos presentes e passados, de tal forma que a sua importância reside na compreensão e difusão da ambiência digital.

Keywords: Wilton Azevedo. Digital Poetics. Digital Humanities. Digital Ambience. Digital Laboratory.

Abstract: This article presents a study on digital poetry developed by Prof º. Dr. Wilton Azevedo, within the Digital Humanities Laboratory - LHUDI - of the Universidade Presbiteriana Mackenzie, which finds its relevance in the use of technological infrastructure, in the theoretical-reflexive training and in team production within the Postgraduate Program *Stricto Sensu* in Education, Art and History of Culture. Digital poetry establishes a new relationship between codes through sound, verbal, visual and performative registers, providing the unfolding of non-linear and interdisciplinary images and words, dematerializing poetic making, which presents semiotic indexes resulting from the articulation of language in media of ambience in a mutual interdependence between reader, poet and poetry. The Wilton Interpoesia records a work of poetic characteristics, created in a digital environment through the use of technological devices that aims at the expansion of a digital code as an effective means

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

of producing knowledge within the proposal of Digital Humanities. The work of Wilton proposes a new look at the digital environment regarding its exploitation, as a technological platform relevant to digital poetic creation, as well as for the registration.

1 INTRODUÇÃO

A poesia digital apresenta-se como um conteúdo estético que tem como fundamento o desenvolvimento da Arte Digital, a partir da exploração dos meios digitais e dispositivos tecnológicos característicos da ambiência digital. Um dos objetivos deste estudo consiste na reflexão sobre a obra de Wilton Azevedo (vide figura 01), a partir do seu trabalho relacionado à criação de obras digitais, especialmente, a Interpoesia, entendida como uma escritura, que revela um código que pode ser interpretado como ruído, uma ruptura que produz poesia dentro da ambiência digital, onde o espaço e o tempo são discursos literários e poéticos.

Fig. 1 – Foto de Wilton Azevedo.

Fonte: Azevedo, 2013.

Wilton Azevedo (São Paulo- SP, 1956- São Paulo- SP, 2016) foi designer gráfico, ilustrador, desenhista, programador visual e professor universitário. Sua formação consistia em: Graduação em Comunicação pela Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM em 1980. Mestrado e Doutorado em Linguagem, Comunicação e Semiótica pela PUC/SP e Pós-Doutorado pela Universidade de Paris, Laboratoire de Paragraphe, Paris – França.

Foi autor de livros, CD- ROM, entre demais obras, tais como: O Que É Design, pela Editora Brasiliense, e Os Signos do Design, pela Global Editora. Em 1998 organizou, editou e foi responsável pelo design gráfico do CD-ROM Interpoesia: poesia hipermídia interativa, com poesias de sua autoria e Philadelfo Meneses (1960 - 2000). Foi professor do Programa de Pós-graduação *Stricto-sensu* em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Vide figura 02.

Fig. 2 – Foto de Wilton Azevedo.

Fonte: Foto Rita Varlesi, 2014.

2 A INTERPOESIA

A Interpoesia é caracterizada como um código em trânsito, errático e rizomático. Baseada na construção da poesia digital visual e sonora, a Interpoesia revela-se numa identidade transitória que se comporta a partir de diferentes referências e que transita num sistema de redes, identificando imagens que se desdobram em outras, na articulação de pensamentos em teias. Sua sonoridade se dá alimentada pelo conceito de rede. São sons que se articulam às imagens digitais, produzindo uma poesia visual e fonográfica, na perspectiva do usuário.

Desta forma, a cultura digital gera autonomia, através do pensamento abdutivo, enquanto um processo caótico, errático e que insurge em um tempo e um espaço sígnicos. Nessa trajetória de ruptura e inovação há a constituição de signos caóticos, de tal forma que uma tela de computador bidimensional produz imagens tridimensionais.

A semiótica de Peirce (PEIRCE, 1977, p. 220) propõe a ideia de uma tríade epistemológica, através da qual o pensamento do ser humano é divido em: indução, dedução e abdução. Este

último desconsidera, segundo Azevedo (2009, p. 102-103), a cisão entre "[...] erro e acerto, estranhamento e mesmice, abstrato e figurativo" (AZEVEDO, 2009, p. 103).

Conforme Pelaes e Azevedo (PELAES; AZEVEDO, 2016), cada linguagem tem sua gramatologia própria, de tal forma que dois algarismos que fundamentam a linguagem binária do computador, possibilitam infinitas conexões e interpretações. E cada significado gera uma nova leitura, dentro dos sistemas que são códigos que fomentam a construção de conteúdos não lineares e, portanto, interdisciplinares.

No campo do referente indicial deste estudo, a Interpoesia pode ser caracterizada como uma "parataxe", isto é, uma sintaxe não linear dos códigos, tal que a linguagem poética presente na ambiência digital torna-se uma escritura expandida nesse espaço sígnico, de tal maneira que as imagens geradas na tela do computador "[...] provocaram a tentativa de recuperar descritivamente o real, o referente, pois o signo não é neutro nem inocente [...]" (CHALHUB, 2001, p. 13). São digressões da composição poética que permitem a invenção de um novo "estado da arte" onde as percepções do fruidor criam uma nova representação da obra vista.

A poesia digital apresenta uma linguagem poética não-linear e que é capaz de produzir uma nova noção de ritmo, de narrativa e de discurso, de tal forma que: "O pensamento por imagem não é ilógico, mas *alógico.* Tem a forma de mosaico, sem relevo com vários níveis de uma sintaxe" (DEBRAY, 1993, p. 319).

Há um processo de desmaterialização da imagem poética dentro da ambiência digital. Um "[...] efeito de realidade que é a aptidão da imagem para não parecer como tal. [...] Uma entidade virtual é efetivamente percebida por um sujeito, mas sem realidade física correspondente" (DEBRAY, 1993, p. 274- 278).

Desta forma, a poesia digital, frente à diversidade que caracteriza a ambiência digital, torna-se uma escritura expandida, pois marca um processo que se manifesta em diferentes direções e que contempla um saber poético intersígnico, cujo espaço torna-se cada vez mais interativo e mutável, configurando-se como um fenômeno semiótico enquanto um instrumento de produção da cultura digital.

3 HUMANIDADES DIGITAIS

Neste sentido, as Humanidades Digitais consistem numa proposta que pode ser caracterizada segundo algumas características:

a. **Espaço:** Exploração de dados georeferenciados nas humanidades;
b. **Mundos Virtuais:** Recriação e exploração de ambientes humanos presentes e passados;
c. **Edição e Preservação Digital:** Edições críticas eletrônicas e preservação do patrimônio;
d. **Visualização:** Construção de interpretações visuais de dados das humanidades;
e. **Ferramentas:** Apresentação e discussão de softwares aplicados às humanidades.

3.1 O que são humanidades digitais?

Humanidades Digitais podem ser definidas como uma área que se caracteriza como uma "transdisciplina" que incorpora os métodos, os dispositivos e as perspectivas heurísticas das ciências humanas e sociais, ao mesmo tempo em que mobiliza as ferramentas e perspectivas singulares abertas pela tecnologia digital, conforme o Manifesto das Humanidades Digitais (cf. referências Humanidades Digitais), composto por ocasião do ThatCamp 2010. O'Donell (cf. referências Humanidades Digitais), por exemplo, define "Humanidades Digitais" como uma "atividade interdisciplinar que transfere para os meios digitais o trabalho tradicional com textos, objetos culturais e outros dados, com isso estendendo radicalmente seus usos potenciais".

Existem hoje no mundo 114 centros de pesquisa agrupados sob a denominação "Humanidades Digitais", espalhados em 24 países, e envolvendo investimentos da ordem de 40 milhões de dólares (segundo dados do Centro de Humanidades Digitais do University College, cf. referências Humanidades Digitais).

Também o número de publicações voltadas às Humanidades Digitais aumentou exponencialmente na última década, em particular entre 2009 e 2011 – como se pode examinar, por exemplo, na listagem agrupada pela Universidade de Nova Iorque. A importância das novas tecnologias se consolida pela possibilidade de a digitalização estar a serviço da manutenção dos acervos da história, produzindo uma nova cultura, a cultura digital.

As humanidades digitais apresentam um dado nível de relações humanas que presumem uma representação, uma simulação e uma imersão nos códigos e demandas contemporâneas. O labirinto digital muda o percurso do outro de passivo e reativo para interativo, possibilitando uma nova identidade.

4 A LINGUAGEM DIGITAL

O signo fundamental da computação baseia-se na linguagem binária e permite o desenvolvimento de novas metodologias digitais, sendo capaz de gerar novas leituras e novas literaturas. A Web, por sua vez, é um espaço coletivo e público. Envolve uma formulação comunitária. Acaba por se constituir numa comunidade eletiva, mesmo que virtual. Para Deleuze (DELEUZE,1985), somos deserto e estamos povoados por tribos, por multidões... que se deslocam como nômades dentro de nós. De algum modo, há uma poética dos afetos, do virtual que nos habita e nos consome, numa inadequação da razão.

Quanto à linguagem digital, ela baseia-se numa relação que transcende à dualidade do sujeito e objeto ou de um emissor e um suposto receptor. Mas caminha baseada numa alteridade de signos e de sujeitos, em enunciados definidos por suas tonalidades dialógicas. "As *tonalidades dialógicas* preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado" (BAKHTIN, 2000, p. 317).

A escritura digital cria um modelo de alfabeto digital, através da criação de signos específicos da ambiência. A linguagem, desta forma, acontece como um dispositivo ideológico, tal qual a máquina fotográfica, enquanto possibilidade de articulação sígnica.

Para Bakhtin (2000, p. 333), o teor do objeto do sentido garante a expressividade do enunciado, de tal forma que se diferenciam duas instâncias de comunicação, numa complexa dependência entre dois autores: aquele que cria a obra e o sujeito que a recria na condição de espectador, que pratica o ato de cognição e juízo. "O acontecimento na vida do texto, seu ser autêntico, sempre sucede na fronteira de *duas consciências*, de *dois sujeitos"* (BAKHTIN, 2000, p. 333).

Para Bakhtin (BAKHTIN, 2000, p. 333), o estenograma do pensamento humano, isto é, o discurso realizado por códigos na composição de signos, é tecido na relação texto-contexto, de tal forma que sua singularidade se filia à subjetividade das consciências envolvidas com o ato de seleção de cada signo. Desta forma, o signo é um fenômeno que encontra a sua origem seminal na palavra grega *sinie* que significa sinal. Da mesma forma a imagem encontra a sua origem nos códigos advindos da tecnologia, palavra que contém a *techne e a logos,* conceito e matéria. A técnica que presume a apropriação do conceito e, desta forma, da matéria.

A técnica que fundamenta a linguagem digital é a tecnologia da informação e que tem como um relevante objetivo a criação de um memorial humano, em ambiência digital. A urgência da memória nos alude à questão da angústia do precário, relativa à condição humana, quanto a sua finitude. Para Debray (DEBRAY,1993) os aparatos tecnológicos surgem para eternizar o humano, na angústia do precário.

> O nascimento da imagem está envolvido com a morte. Mas se a imagem arcaica jorra dos túmulos é por recusar o nada e para prolongar a vida. As artes plásticas representam um terror domesticado. Por conseguinte, quanto mais apagada da vida social estiver a morte, menos viva será a imagem e menos vital nossa necessidade de imagem (DEBRAY, 1993, p. 20).

A imagem e o registro de eventos passados e atuais, funcionam como uma garantia para a eternidade das memórias, das histórias e das culturas, de tal forma que a consciência sobre a não eternidade é pré-histórica.

A própria memória é história e ao mesmo tempo cultura. Le Golf (LE GOLF, 1999, p. 423), refere-se à memória "como propriedade de conservar certas informações", ligada às funções psíquicas, através das quais o homem pode "atualizar impressões ou informações passadas". Desta forma, o acervo digital atua como aparato de memória, moderno, uma ciência auxiliar da história, "uma nova epigrafia" (LE GOLF, 1999, p.431).

Le Golf (LE GOLF, 1999) comenta a grande importância da memória funerária, como as *estelas* sacerdotais ou reais egípcias, nas quais existe a presença de uma "narrativa histórica" que funciona como um *arquivo mnemônico* dos acontecimentos significativos da época, assim como a importância dos documentos arquivados nos mais diferentes suportes (osso, estofo, pele, papiro, pergaminho, papel, entre outros). E com isso a criação de "instituições de memória", como arquivos, bibliotecas e museus, permitindo registros da "memória real",

onde estão narrados feitos que estabelecem “a fronteira onde a memória se torna história” (LE GOLF, 1999, p.432-434).

A transformação ocorrida nos processos de “memória artificial”, para Le Golf, consiste na passagem da oralidade à escrita e o aparecimento de “processos mnemotécnicos”, permitindo a memorização *palavra por palavra,* que segundo Goody (apud LE GOLF, 1999), trata-se de uma operação efetuada numa certa ordem e que permite “descontextualizar” e “recontextualizar” um dado verbal, segundo uma “recodificação linguística” (LE GOLF, 1999, p.435-436).

As relações digitais baseiam-se em códigos específicos, criando um outro nível de relação conceitual, onde a relação emissor-receptor desaparece, gerando um indivíduo reativo e interativo que se estabelece através da comunicação digital, por meio da alteridade nos veículos digitais.

Para Pelaes e Azevedo (PELAES; AZEVEDO, 2016), a leitura das escrituras digitais provoca igualmente uma comunicação reativa, porém através de um pensar particular num tempo interior, mas que se projeta nas dimensões e correlações de rede. São negociações de sentidos e trajetórias percorridas na ambiência, propondo um novo paradigma conceitual de leitura e escritura poéticas.

Temos uma nova identidade terrena, que a partir de um novo criptograma, comunica-se em ambientes digitais como o Face e o WhatsApp. Há uma ambição cronotópica, dentro de um tempo e de um espaço absolutamente virtuais, mas que são referentes de realidade.

> Esta questão é ainda mais contundente quando se leva em conta as novas formas de subjetividade e identidade que são cultivadas pela cibercultura. O cibernauta se apresenta como um ser multifacetado e rodeado por ambiguidades criadas pelos seus vários modos de se deixar ver e construir identidades nos diferentes ambientes da rede. São multiplicidades com as quais a pessoa encena e brinca no palco ubíquo das subjetividades (SANTAELLA, 2013, p. 85- 86, apud CAMARGO, 2015, p. 3).

O homem contemporâneo tem sua identidade digital a partir de uma plataforma de discussão onde as relações de causa e efeito são questionadas, pois as características da vida de cada indivíduo não são fatores determinantes da sua “poesis”.

O acervo, dentro do conceito de humanidades digitais, é um registro civilizatório que acontece através da experiência coletiva da produção de textos digitais e poéticos, através de trabalhos artísticos *on line*.

A concepção de *site* nos conduz à reflexão de que a credibilidade de um código está diretamente ligada a sua perenidade e durabilidade dos seus conteúdos. Por esta razão, indagamos se ainda não dispomos de meios para garantir a sua perenidade?

Os próprios códigos digitais revogam inúmeros paradigmas fundados numa forma de cognição e de conhecimento lineares, transgredindo as formas e criando relações de pensamento e linguagem que atuam numa dinâmica transversal e em rede, presumindo conexões e mais conexões que apontam para um infinito de possibilidades.

Há uma integração e ao mesmo tempo uma polarização entre o público e o privado, o cronológico e a flexibilidade dos tempos cronológico e biológico, de tal forma que as relações do indivíduo com o mundo e consigo mesmo criaram um fenômeno contemporâneo e interdisciplinar passível de estudos nas mais diferentes dimensões. Essas relações são dinâmicas e constituem um *télos*, uma finalidade.

A digitalização de textos e arquivos baseia-se num código que apresenta uma nova sintaxe, uma "parasintaxe", baseada numa semântica pragmática e na ausência do sujeito. Propõe um raciocínio semiótico sobre os códigos fundado num esquema diacrônico. A ideia central é a alteridade resultante da inter-relação do eu e do outro, revendo os modelos paradigmáticos de conhecimento: fragmentados, isolados, hierárquicos e piramidais (MORIN, 2001).

A ambiência digital tem uma grande potencialidade no processo educativo, pois pode colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, através da hominização que considera a unidualidade, a complexidade cultural, a unidade (singularidade) e a diversidade, dentro da complexidade dialógica humana (MORIN, 2001).

5 A POESIA HIPERMÍDIA INTERATIVA (INTERPOESIA – O INÍCIO DA ESCRITURA EXPANDIDA – AZEVEDO, 2009- ANOTAÇÕES)

Segundo Azevedo (2009), a poética é subversiva, porque subverte o olhar, as formas, os sons, as imagens... ousando criar algo novo, provocando uma estética interativa que objetiva mudar o percurso do outro.
O que é poético é a expansão dos signos. Fazer poesia digital é construir ambientes – ambiência- que em mudança constante, subvertem as fórmulas e criam e se recriam a partir de novas e inovadoras referências.

Deste conceito nasceu a **Poesia Hipermídia Interativa**, possibilitando uma produção poética no meio digital, que provocou sucessivas mudanças que envolvem uma nova leitura cognitiva, mudando a natureza de sua sintaxe, para uma parasintaxe.

Há, desta forma, um salto na cognição comunicativa e interativa, de analógica para digital, propondo narrativas e registros produzidos pela tecnologia, que podem ser verbais, sonoros, imagéticos e em forma de escritura expandida, permitindo a disseminação do conhecimento poético.

Hoje usamos o termo *navegar* no sistema hipermidiático, pois podemos adentrar num labirinto narrativo, para executar a ação do *clicar*. "Trata-se de uma nova etapa em que códigos matriciais isolados (verbal, visual e sonoro), passem, a partir de softwares atuais, a explorar novas formas de se fazer perceber como linguagem" (AZEVEDO, 2009, p. 13).

A miscigenação de linguagens, num processo de simbiose, tornou os meios digitais um lugar possível para a manifestação de uma nova cultura de ambiência. Há uma possibilidade de flutuação e um viajar num "espaço de sentido" que "[...] muda o referencial de arbitrariedade deste 'vir a ser' histórico como forma de registro" (MANGUEL, 1997, apud AZEVEDO, 2009, p. 16- 34).

"Os acessos são paratáticos, não-lineares e temporalizados pelo movimento do nosso olhar, dentro de uma nova relação matricial" (AZEVEDO, 2009, p. 42).

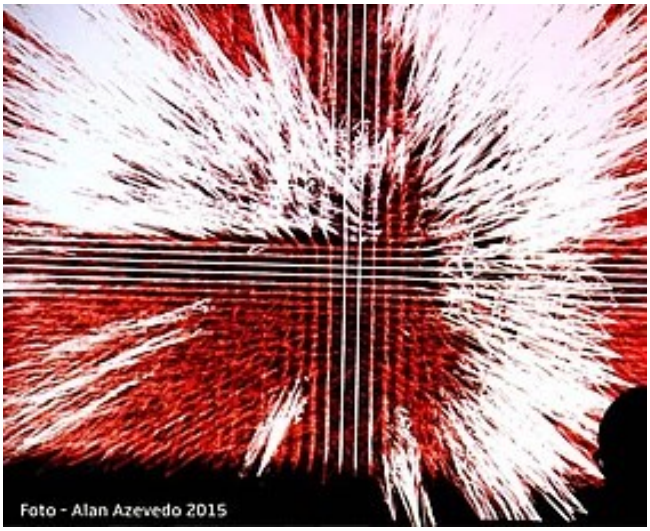
A migração virtual por uma **escritura em trânsito** cria uma projeção histórica para as linguagens dos suportes digitais através de conteúdos simbólicos em telas imaginéticas. "O corpo-imagem não apenas lê, mas se apropria em forma de imersão, explorando estes espaços" (LOFFER, 1994, apud AZEVEDO, 2009, p. 51).

6 A POESIA DIGITAL *DEZENLEIO*: UMA NARRATIVA POÉTICA INSPIRADA NAS IMAGENS DA ANTIGA MATERNIDADE SÃO PAULO.

A obra *DeZenLeio* apresenta-se como um vídeo-performance, criado a partir dos registros fotográficos da antiga Maternidade São Paulo, numa trama poética tecida com imagens animadas em ambiência digital, acrescidas de uma *prosa* de autoria do Wilton Azevedo, professor do Laboratório de Humanidades Digitais e coordenador do projeto.

Essa experiência poética nasceu das inquietações de Wilton Azevedo, como resultado de uma das suas produções artísticas dentro de uma narrativa poética-digital, que é apresentada no vídeo-performance, como segue na figura 03.

Fig. 3 – Imagem do *DeZenLeio*.



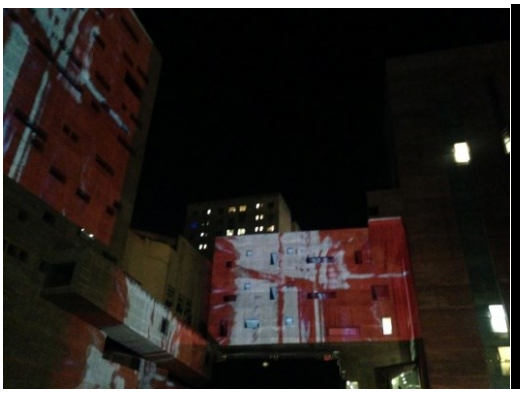
Fonte: Foto Alan Azevedo -2015.

Para Azevedo (AZEVEDO, 2009, p. 105): "A poesia digital [...] retoma a ritualização da linguagem [...]". De tal forma que "[...] a enunciação não está no discurso, a narrativa não conta histórias. O que é poético é a expansão dos signos. Fazer poesia digital é construir ambientes- ambiência- em mutação constante". Para o autor, essa ação consolida-se como uma experiência que transcende à rima verbal e à imagem, caracterizando-se como um objeto poético que apresenta um ritmo sonoro e plástico, que poderá ser harmônico ou não, dentro da ambiência digital.

O vídeo-performance é disponibilizado no YouTube através do endereço eletrônico https://www.youtube.com/watch?v=aaXAd0zoodc&feature=share. O objetivo foi a socialização da obra na Web para internautas extra-pares e interessados em produções de arte digital.

No dia 20 de junho de 2015, às 18h, o LHUDI (Laboratório de Humanidades Digitais), a convite da Visualfarm, apresentou no Anhangabaú durante a Virada Cultural de 2015, a obra *De Zen Leio,* disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GlbiJen6tRY&t=93s, como é possível verificar nas figuras 04 e 05.

Fig. 4 e 5 – Imagens do *DeZenLeio* projetadas nas paredes dos prédios do Anhangabaú.



Fonte: Fotos de Simone Mina.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se, a partir da produção de Wilton Azevedo, que a ambiência digital caracteriza um "onde", no qual a fronteira é questionada como tal, constituindo um espaço de tensão e flexibilidade que possibilita a criação de um projeto que objetiva o apagamento da linha divisória entre os diversos arquivamentos e as diversas línguas e culturas. Desta forma, através da linguagem digital, abrimos esse campo de diálogo ilimitado entre pessoas, culturas e processos, viajando através dos diversos tempos e espaços possíveis, em busca de linguagens poéticas que aparentemente ressurgem através de códigos construídos na bidimensionalidade escultórica de nossas telas.

Pode-se concluir que a poética digital desenvolvida a partir das criações e revelações de Azevedo, é, em sua essência, poesia em trânsito, porque subverte o olhar e o entorno espacial, imagético e sonoro, criando novas formas de interação, resultantes das trajetórias dos sujeitos

que as experimenta. Assim, construir espaços na linguagem virtual, experimentando as narrativas da poesia digital, permite ao poeta dialogar com o contemporâneo.

O processo de produção dentro do conceito de Humanidades Digitais, proporciona uma imersão em diferentes áreas, através de uma plataforma interdisciplinar, que visa a construção de novas formas de conhecimento no ambiente virtual, através de uma abordagem metodológica que propõe um novo olhar sobre a ambiência digital no que tange a sua exploração, enquanto plataforma tecnológica relevante para a criação digital poética, assim como para o registro de acervos históricos e recriação de ambientes humanos presentes e passados, de tal forma que a sua importância reside na compreensão e difusão da ambiência digital.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Wilton. **Interpoesia:** o início da escritura expandida. 2009. Tese (Pós-Doutorado). Universidade de Paris, Laboratoire de Paragraphe, Paris – França.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CAMARGO, Eduardo. A persona estendida e a internet das coisas. Publicado em: 28 fev. 2015. Disponível em: **<https://transobjeto.wordpress.com/2015/02/28/apersonaestendidaeainternetdascoisas/>** Acesso em: 18 abr. 2015.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem.** 10. ed. São Paulo; Ática, 2001.

COSTA, Lígia M. da. **A poética de Aristóteles:** mímese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 2006.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem:** uma história do olhar no ocidente. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1:** a imagem- movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HUMANIDADES Digitais. Disponível em: <**http://humanidadesdigitais.org**> Acesso em: 10 maio 2018.

LE GOLF. **Memória e História.** São Paulo: Papirus, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

O VÍDEO-performance *De Zen Leio*. Disponível em: <**https://www.youtube.com/watch?v=aaXAd0zoodc&feature=share**>.

PELAES, Maria Lúcia Wochler; AZEVEDO, Wilton Luiz de. Artigo: A Criação de um vídeo-performance – O DeZenLeio- A Virtude do Passado: uma Produção do Laboratório de Humanidades Digitais do Mackenzie – LHUDI (p. 138). In: RENÓ, Denis Porto et al (Orgs.). **Ficção e documentário:** memória e transformação social. Rosário- Argentina: UNR Editora. Editorial de La Universidad Nacional de Rosário, 2016 (Livro digital). 694p. Disponível em: < https://drive.google.com/…/0B0p-tvqLOAUdZXlBZjhncnBSSUk/view> ISBN: 978-987-702-195-0

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 1977.

VIRADA Cultural. Obra *De Zen Leio.* Disponível em: <**https://www.youtube.com/watch?v=GlbiJen6tRY&t=93s**>.

Recebido: 13 de junho de 2018
Aceito: 17 de novembro de 2018